



ANAIS

ESTRATÉGIA ORGANIZACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR EM TAQUARITINGA - SP: A CONSTRUÇÃO E A CONSOLIDAÇÃO DA APRAFT.

CAROLINE CLEONICE COIMBRA

carolinecleonicecoimbra@hotmail.com

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE TAQUARITINGA

ROSIMARY CINTIA DE OLIVEIRA

oliveira_rosy@hotmail.com

FACULDADE VENDA NOVA DO IMIGRANTE

MARCUS VINICIUS PIRRI

marcus.pirri@gmail.com

INSTITUTO TAQUARITINGUENSE DE ENSINO SUPERIOR

RESUMO: A metodologia empregada no trabalho foi, levantamento bibliográficos sobre o tema e aplicação de um questionário ao Presidente da Associação dos Produtores Rurais da Agricultura Familiar de Taquaritinga. Os pequenos agricultores familiares encontram dificuldades para se inserir no sistema agroindustrial. Uma das alternativas para minimizar essas barreiras e obter bom desempenho, diminuição dos riscos, agregação de mais conhecimentos agrônômicos e administrativos é a organização associativa. Através do associativismo os agricultores familiares têm buscado soluções para os problemas relacionados à produção, financiamento e comercialização da produção, além de acessar assistência técnica e inovações tecnológicas. A associação permite desenvolver mecanismos que lhes possibilite um melhor desempenho para competir no mercado local e regional. Assim o associativismo torna-se uma forma de sobreviver no mundo capitalista, diminuir o êxodo rural e desenvolver a agropecuária como um todo. No ano de 2012 Associação dos Produtores Rurais da Agricultura Familiar de Taquaritinga (APRAFT), foi formulada com intuito de ampliar acesso o mercado e por maior competitividade. Várias instituições foram importantes para o desenvolvimento da associação. Contemporaneamente, a APRAFT agrega 22 associados, que produzem as mais diversificadas culturas. Os pontos de comercialização das culturas são direcionados para prefeituras e alguns agricultores da associação realizam comércio com os supermercados, varejões e restaurantes. A Associação é bem estruturada, possui fortes redes de comercialização e diversificação de produtos, mas, existem alguns pontos a serem melhorados tais como capacitação e treinamento dos membros, através da participação em seminários, simpósios, congressos, palestras e cursos de curta duração.

PALAVRAS CHAVE: Associativismo. Agricultura Familiar. Feira do Produtor Familiar. Desenvolvimento local.

ABSTRACT: The methodology used in the study was a bibliographical survey on the subject and application of a questionnaire to the President of the Association of Rural Producers of Family Agriculture of Taquaritinga. Small family farmers find it difficult to enter the agro-industrial system. One of the alternatives to minimize these barriers and obtain good performance, risk reduction, aggregation of more agronomic and administrative knowledge is the associative organization. Through the associativism family farmers have sought solutions to the problems related to the production, financing and commercialization of the production, besides accessing technical assistance and technological innovations. The association allows developing mechanisms that allow them to perform better to compete in the local and regional Market. Thus, associativism becomes a way of surviving in the capitalist world, diminishing the rural exodus and developing agriculture as a whole. In the year 2012, Association producers family taquaritinga was formulated with the intention of increasing access to the market and greater competitiveness. Several institutions were important for the development of the. At the same time, APRAFT brings together 22 members, who produce the most diverse cultures. The commercialization points of the crops are directed to prefectures and some farmers of the association realize commerce with the supermarkets, retailers and restaurants. APRFT is well structured, has strong marketing networks and product diversification, but there are a few points to be improved, such as training and member training through seminars, symposia, conferences, lectures and short courses.

KEY WORDS: Associativism. Family farming. Family Producer Fair. Local development



ANAIS

1. INTRODUÇÃO

A agricultura familiar desempenhou papel chave no desenvolvimento da agricultura no sistema capitalista, conforme indicado por Abramovay (1998). Ela se caracteriza pelas relações sociais de produção baseada nos membros da família, exploram áreas relativamente pequenas e sistemas diversificados de produção. Assim, a agricultura familiar tem sido responsável pelo fornecimento de alimentos para o mercado interno, além de promover a permanência da população rural no campo, evitando o êxodo para os grandes centros urbanos (GUANZIROLI et. al., 2012).

A agricultura brasileira e mundial se inspira no modelo derivado da revolução verde, conforme relatado por Silveira et al (1999), este modelo também denominado de agricultura industrial tem excluído grande parte dos agricultores familiares, uma vez que estes nem sempre utilizam o pacote tecnológico por completo, comprometendo o resultado das atividades produtivas. Considerando este cenário, formas de organização da agricultura familiar se tornaram fundamentais para a permanência deste segmento na atividade agropecuária (SAUBORIN, 2009).

De acordo com Sauborin (2009), no Brasil existem três formas de associação: sindicato, cooperativa e associação de produtores. A modalidade de produtores foi a que mais se desenvolveu nos últimos trinta anos, esse crescimento está vinculado a três fatores: a necessidade de representação para reivindicar direito ao poder público local, a ampliação da atuação dos autores externos e as propostas de apoio financeiro junto ao governo.

As associações de agricultores familiares têm como objetivo auxiliar o desenvolvimento, individual e coletivo, dos agricultores, seja nos aspectos técnicos, nas formas de acessar e organizar as relações de compra e venda no âmbito das especificidades locais e regionais (BESERRA, 2011).

Nesse sentido, a presente pesquisa analisa o associativismo familiar no município de Taquaritinga/SP com base em um estudo sobre a criação e consolidação da Associação dos Produtores Rurais da Agricultura Familiar de Taquaritinga - APRAFT.

O município que reside a associação é considerado um território forte em agricultura. Conforme dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) (2017), existem 215 agricultores familiares no município. Área agrícola de exploração estão divididas em olericultura com 200 hectares (ha), frutíferas 9.596 ha, semi- permanentes (cana-de-açúcar) com 31.062 ha e 3.600 ha em pastagem (SINDICATO RURAL DE TAQUARITINGA, 2017).

De acordo com Coimbra et al (2017), o município de Taquaritinga é o maior produtor de goiaba a um raio de 100 km, esse fato é devido os aspectos agrônômicos, pelas facilidades de comercialização do produto e da centralização das agroindústrias ao redor. O município tem vocação agrícola e a agricultura familiar desempenha um papel de extrema importância, para as atividades socioeconômicas. O objetivo da pesquisa foi estudar o processo de criação e consolidação da APRAFT, no município de Taquaritinga. Com intuito de identificar os principais agentes responsáveis pela ação, bem como as organizações que atuaram em parceria com a associação. Outro elemento analisado foi a iniciativa de constituição da feira de produtores familiares do município e as regras que orientaram a sua organização. Na

ANAIS

análise, se destacaram tanto os aspectos que contribuíram para o sucesso da iniciativa, mas também as dificuldades encontradas pelos protagonistas.

2. REVISÃO TEÓRICA

O agronegócio familiar é importante para geração de empregos, produção de alimentos, principalmente para aqueles voltados para autoconsumo.

De acordo com Abramovay & Neves (2007), o conceito de agricultura familiar possui múltiplos significados. No decorrer dos anos a agricultura familiar foi confundida com outras nomenclaturas como agricultura de pequena produção, agricultura de subsistência, agricultura de pequeno porte, produção de baixa renda. Universalmente não existe definição para agricultura familiar, em alguns países o conceito é bastante abrangente no que diz respeito ao tamanho da propriedade e renda.

A agricultura familiar começou sua fase de reconhecimento no ano de 1990 com a fomentação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), conforme indicado por Buainain (2003) o programa passou a definir agricultura familiar como sendo um modelo de agricultura que têm os processos de gestão vinculados ao proprietário e, esse sendo o responsável por gerir o sistema produtivo, podendo ter o trabalho assalariado como complemento. Denardi (2001) ratifica que o desenvolvimento do agronegócio familiar, foi decorrente de políticas públicas configuradas para o fortalecimento da categoria. A formulação de políticas públicas teve como autores de reivindicações a classe de trabalhadores rurais, pesquisadores, grupos sociais e órgão do estado como a Food and Agriculture Organization (FAO), o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) e o Banco Mundial. De acordo com Nunes (2007):

nesta época os problemas sociais foram agravados devido ao desinteresse do governo com os pequenos produtores rurais, familiares e produtores de subsistência. Com isso surgiram diversos movimentos sociais, como Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o sindicalismo rural, ONGs, etc. Ao constatar o descontentamento da população rural com a situação em que viviam, o Estado cria o programa PRONAF como forma de resposta e de demonstração de atenção. (p. 15).

Para Guanziroli & Cardim (2000), agropecuária familiar são os pequenos agricultores familiares, que atende requisitos como: a direção dos trabalhos no estabelecimento é exercida pelo produtor e família; a mão-de-obra familiar deve ser maior que dos colaboradores contratados, à área do empreendimento deve respeitar um limite, que varia por região em tamanho.

Em pesquisa realizada por Lamarche (1993) a agricultura familiar é uma unidade de produção (animal e/ou vegetal) que está vincula a família, a propriedade tem, grande, influência com três fatores a saber: família, trabalho e propriedade. Corroborando, com a concepção do autor, a pesquisadora Wanderley (1999), relata que agricultura familiar é:

aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo. É importante insistir que

ANAIS

esse caráter familiar não é um mero detalhe superficial e descritivo, ou seja, o fato de uma estrutura produtiva associar família-produção-trabalho tem consequências fundamentais para a forma como ela age econômica e socialmente. No entanto, assim definida, essa categoria é necessariamente genérica, pois a combinação entre propriedade e trabalho assume, no tempo e espaço, uma grande diversidade de formas sociais. (p. 23).

No Brasil, no ano de 2006, foram determinados requisitos para definir uma produção agrícola familiar. Segundo a Lei 11.326/2006, empreendimento agrícola familiar, tem que ter quatro módulos fiscais, a maior parte da mão de obra tem que ser familiar. Esse critério foi estabelecido devido a formulação do PRONAF (que financia projetos pequenos ao produtor, com baixa taxa de juros). Para os agricultores terem acesso a esse programa é imprescindível que tenham Declaração de Aptidão (DAP) (EMBRAPA, 2014).

No decorrer dos anos e contemporaneamente, a agricultura familiar sempre veio percorrendo complexidades como, ausências de recursos para exploração familiar, carência de capital para possíveis investimentos, alto poder de barganha pela elite, inconsistências do mercado, com isso acarretando oscilações no preço dos produtos, baixa produtividade, pouco incentivo do estado, falta de especialização da mão de obra, custos elevados dos equipamentos e, entre outros desafios. Analisando esses fatores fica nítido as várias dificuldades que a categoria percorre.

Apesar de todas essas dificuldades a agricultura familiar possui potencialidades, oriundas da diversificação de produção, com isso a possibilidade de aumentar a renda familiar. Outro fator importante é a diminuição do empobrecimento do solo, proporcionando assim redução dos gastos com corretivos, fertilizantes, agrotóxicos entre outros. (BUAINAIN. 2003).

VEIGA et al. (2001) ressaltam que agricultura familiar é fundamental para o meio rural brasileiro, pois permite maior capacidade de diversificação da produção, fonte de renda, geração de emprego e, desenvolvimento da economia local. O agronegócio familiar é gerador de grande parte dos alimentos e mão de obra.

No Brasil a agricultura familiar é responsável pela geração de mais de 80% da ocupação das áreas rurais do país, passando a ser o setor que gera mais empregos no campo (por 7 de cada 10 empregos) e por cerca de 40% da produção agrícola que é direcionada a mesa da população brasileira. Atualmente a maior parte dos alimentos que abastecem a mesa dos brasileiros vem das pequenas propriedades. A agricultura familiar favorece emprego de práticas produtivas ecologicamente mais equilibradas, como a diversificação de cultivo, o menor uso de insumos industriais e a preservação do patrimônio genético. (SANTOS et al., 2014, p 11).

A produção familiar no ano de 2014 e atualmente é protagonista de 87% produção nacional de mandioca, 70% da produção de feijão, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz, 21% do trigo e, na pecuária, 60% do leite, 59% do plantel de suínos, 50% das aves e 30% dos bovinos (SANTOS et al., 2014).

2.1 Associativismo na agricultura familiar

ANAIS

Segundo Andrade (2010), o associativismo emergiu nos primórdios da humanidade, defronte as dificuldades que os homens possuíam para caçar sua fonte energética, se defender e cultivar. Diante do fato ocorreu a necessidade do agrupamento de pessoas, assim minimizando tais complexidades. No surgimento da era industrial o associativismo era visto como um aglomerado de indivíduos lutando para melhores condições de trabalho, salários e reivindicação dos seus direitos. Já contemporaneamente o foco está centralizado na fomentação de interesses econômicos e agregação intelectual.

A associação é uma forma de reunião dos indivíduos lutando pelos mesmos interesses e com foco em princípios democráticos Dentro deste contexto;

as associações assumem os princípios de uma doutrina denominada associativismo e que expressa a crença de que juntos, podemos encontrar soluções melhores para os conflitos que a vida em sociedade nos apresenta. Os princípios do associativismo são a adesão livre, tal como é livre a saída do movimento associativo; o funcionamento pautado na equidade entre os seus membros, traduzida na expressão “um associado, um voto”, além do fato de que as associações resultam sempre de uma congregação de esforços, em primeiro lugar dos fundadores e depois de todos os associados (PINHO, 2010, p.10).

A interação entre associativismo e agricultura familiar vem ganhando destaque no decorrer do tempo, dentro dos mais variegados cenários rurais do Brasil, isso decorrente da forte competitividade que caracteriza a globalização da economia nos últimos anos.

Dentro desse contexto, segundo Pires et al. (2009), a fusão de forças por via do associativismo pode ser considerada uma alternativa viável para a sustentabilidade dos empreendimentos e das atividades agropecuárias dos agricultores. Callou & Tauk Santos (2008), ainda complementam que a relevância do associativismo nos últimos anos passou a ter presença nos discursos e mais ampliação de financiamento, através dos órgãos do estado, como por exemplo; Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca (SEAP), do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

De Lannoy (1987), afirma que o associativismo pode ser um meio favorável para diminuir os custos e os requisitos de escala da tecnologia moderna, tornando viáveis certos meios de produção acarretando – indiretamente – uma melhor distribuição e rentabilidade do trabalho familiar. Ainda dentro do mesmo contexto Dalfovo et al. (2010), complementa que o associativismo rural surgiu para integrar pessoas, com objetivo de melhorar as condições de vida e os direitos dos cidadãos.

2.2 Feira da agricultura familiar

A feira livre existe desde 3.000 a.C, sendo utilizada com o objetivo de trocas de mercadorias. Essas feiras eram realizadas em determinados dias da semana, mas não há registro referente ao dia específico. Com o decorrer do tempo e avanços da globalização, as feiras passaram a ser adotadas por novas redes de comercialização como supermercados.

ANAIS

De acordo com (COLLA et al., 2007; COELHO e PINHEIRO, 2009), a palavra feira é oriunda do latim, que tem como significado dia de festa, com local e horários já estabelecidos. Ainda segundo os autores a feira é um canal que proporciona uma rede de relacionamento entre os feirantes e consumidores, com isso é possível que os produtores identifiquem com maior facilidade os desejos e necessidades dos consumidores. Segundo Santos et al., (2014) as feiras atraem bastante consumidores devido a capacidade de diversificação de produtos e pelo relacionamento de amizade entre vendedores e clientes acabam construindo. De acordo com Ribeiro et al. (2005, p.6) “os consumidores dizem que nenhum estabelecimento de verdureiro profissional, ou sacolão, substitui a feira, porque é nela que encontram os produtos que fazem parte de seus costumes alimentares”. Outro aspecto importante sobre a feira e a relação que cada feirante possui pelo vizinho de banca. Todos os feirantes entram em consenso de convivências. Corroborando Sato (2007) discorre que.

a proximidade geográfica possibilita o estabelecimento de acordos entre vizinhos de banca. Entre si constroem regras de convivência específica, em geral válidas apenas para os feirantes que as definem, sendo impraticável qualquer tentativa de generalização. Elas englobam desde a definição de horários de montagem e desmontagem das bancas até a faixa de preços praticados (p.99).

A agricultura familiar brasileira possui quatro canais de comercialização de produtos. Conforme relata Santos et al., (2014, p.8);

vendas diretas: todas as operações de entrega direta do produto pelo produtor ao consumidor final, tais como: entregas em domicílio, feiras livres, feiras especializadas e eventos comerciais promocionais, lojas de produtores, vendas na propriedade; Integração vertical: venda de produtos como matéria prima para beneficiamento pelo comprador (leite, fumo, tomate, suínos e aves, etc.); Vendas para distribuição: atacadistas, varejistas, distribuidores, restaurantes, lojas especializadas de agricultura orgânica e produtos naturais, supermercados e hipermercados, exportação. Mercados institucionais: um exemplo são os mercados criados pelo Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA, Lei nº10.696 de 2 de julho de 2003).

Segundo Coelho (2009) os canais de comercialização que vem sendo mais utilizados para comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar são as feiras dos produtores, devido a sua relação mais direta com o consumidor e melhor rentabilidade. Essa venda direta para o consumidor permite aos agricultores agregação de valor dos produtos e diminuição dos poderes de barganhas pelos intermediários. Outros aspectos desse canal de comércio é que os produtores podem mostrar aos clientes que os produtos ofertados têm valores e tradições familiares.

3.METODOLOGIA

Os métodos para o desenvolvimento da pesquisa se dividiram em duas etapas. Primeira etapa foi realizado levantamento de bibliografias, através de artigos, dissertações, teses e sites vinculados ao tema.

ANAIS

Segunda etapa: elaboração e aplicação de um questionário ao Presidente (2017) da Associação dos Produtores Rurais da Agricultura Familiar de Taquaritinga. O questionário foi construído no Word, com os dados obtidos foram elaborados indicadores (gráficos) no Excel.

As perguntas construídas para os respondentes foram:

- a) Quando começou a associação?
- b) Com quantos membros começou?
- c) Teve alguma instituição que ajudou na formulação da associação? Quais? Como?
- d) Quais são os requisitos para torna-se um associado?
- e) Como é realizada a contribuição dos membros à associação?
- f) Quais as principais culturas dos associados? possuem alguma diferenciação?
- g) Os principais pontos de comercialização?
- h) Principais dificuldades para construção da associação?
- i) Quais são as dificuldades externas e internas?
- j) Como surgiu a feira do produtor e como ela tem ajudado a associação?

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano 2012 uma pequena parcela de agricultores familiares do município de Taquaritinga, num total de treze agricultores, se reuniu com intuito de emergir uma cooperativa, para fomentar a agricultura Taquaritinguense. As principais pautas dessa reunião era criar estratégias para comercialização dos produtos, destinados as Centrais de Abastecimento (CEASA) da cidade de Ribeirão Preto e vendas institucionais, como por exemplo aquelas ligadas ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que alguns produtores só tentaram e não obtiveram sucesso.

Para formalização da cooperativa, foi de vital importância à assistência oferecida pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integrada (CATI), que contribui com as transmissões de informações para os agricultores, sobre os requisitos imprescindíveis para abertura de uma cooperativa. Entretanto, a adoção da cooperativa no decorrer das reuniões com os agricultores mudou de perfil - pois não havia a quantidade mínima de membros- passando para associação. Outra Instituição que teve papel importante foi a Faculdade de Tecnologia de Taquaritinga, doravante chamada de FATEC TQ. Sua participação foi por meio da realização de palestras e cursos de capacitação. Como os agricultores tinham dificuldades para entrar em programas do governo, tais como PNAE, a FATEC TQ dava o suporte e embasamento técnico para que os agricultores pudessem participar das vendas do programa. Além da FATEC TQ, apoiaram a formação da associação o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), a CATI e o Sindicato Rural de Taquaritinga.

A associação iniciou- se com 13 associados no decorrer dos anos foram ingressando mais integrantes, chegando a 30 membros. Contemporaneamente a APRAFT agrega 22 associados, que produzem as mais diversificadas culturas. Os pontos de comercialização das culturas são direcionados para prefeituras e alguns agricultores da associação realizam comércio com os supermercados, varejões e restaurantes, com intuito de agregação na renda.

ANAIS

A maioria dos associados são do sexo masculino com 80% e 20% do sexo feminino, como pode ser observado na figura 1. Atualmente o presidente é do sexo masculino, porém no mandato anterior, em caráter interino, foi presidida por uma mulher.

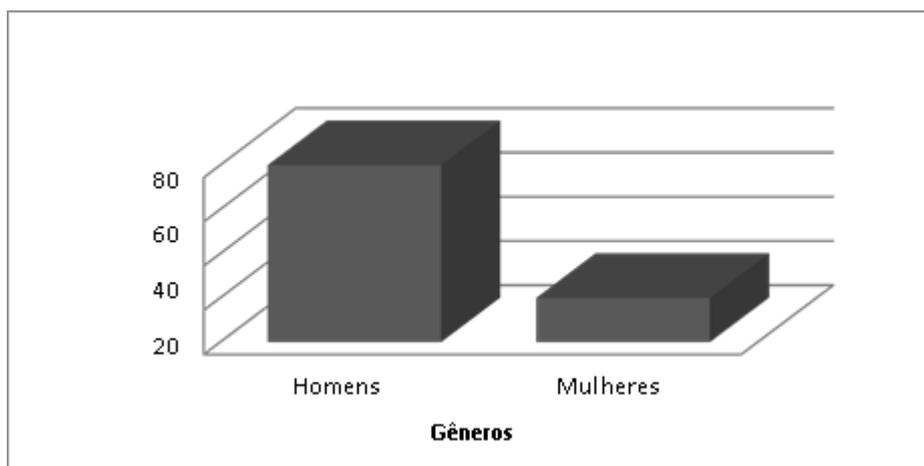


Figura 1. Distribuição em relação os gêneros

Fonte: Elaborados pelos próprios autores, com base em dados da entrevista (2017).

Para se tornar um associado da APRAFT, pode ser qualquer agricultor ou assentado-com DAP- tanto para os novos associados como para os já integrantes, existem também as taxas administrativas tais como uma mensalidade no valor de R\$ 30 (trinta reais), anuidade correspondente ao valor de R\$ 50, 00 (cinquenta reais) e uma porcentagem de contribuição sobre cada venda realizada através da APRAFT de 3% (três por cento).

4.1 Redes de comercialização e principais produtos ofertados

No ano de 2015, a associação participou da chamada pública do município de Taquaritinga, Ibitinga, Taiuva, no ano posterior ingressou nos municípios de Cândido Rodrigues, Jaboticabal, Santa Ernestina e Taquaritinga. Já em 2017, a associação comercializa para 10 municípios tais como; Taquaritinga, Monte Alto, Matão, Ribeirão Preto, Jaboticabal, Catanduva, Fernando Prestes, Sertãozinho, Cândido Rodrigues e Guariba.

As culturas cultivadas e comercializadas através da APRAFT são legumes, verduras e frutas. A maior parte comercializada são as folhosas, em segundo os legumes e em terceira posição são as frutas. Dentre as verduras, aparece uma em especial, que é caracterizada como um produto diferenciado, devido sua forma de cultivo hidropônico que é a cultura do agrião d'água. Em relação aos legumes também têm os biofortificados que são: a batata doce e mandioca, produtos esses inéditos no município.

4.2 Complexidades externas e interna

ANAIS

Um dos fatos que contrai o desenvolvimento da APRAFT é a questão do suporte técnico, pois se encontra ausente, deixando muitas das vezes o produtor “a ver navios”. Outro que podemos apontar é em relação à complexidade externa, que gira em torno dos assentamentos rurais. Esse mesmo vem sendo uma preocupação devido à concorrência de mercado e, muitos desses assentamentos trabalham de forma ilícita e antiética. Mas para provar tal apontamento é necessária fiscalização dos órgãos competentes, dos quais se encontram estagnados.

Em relação à dificuldade interna está respaldada na carência de interesse de alguns produtores em agregação de conhecimento (palestras, seminários, cursos e mesas redondas), sobre as culturas produzidas no estabelecimento. O nível de educação dos agricultores é relativamente ponderado como podemos observar na figura 2. Entretanto, ocorre estagnação na agregação intelectual dos produtores. Mais uma vez atende-se à figura 2, de acordo com ela apenas 15% dos associados possuem formação superior, 5% estão em andamento, 20% com graduação concluída, 10% com curso técnico e 30% com ensino básico.

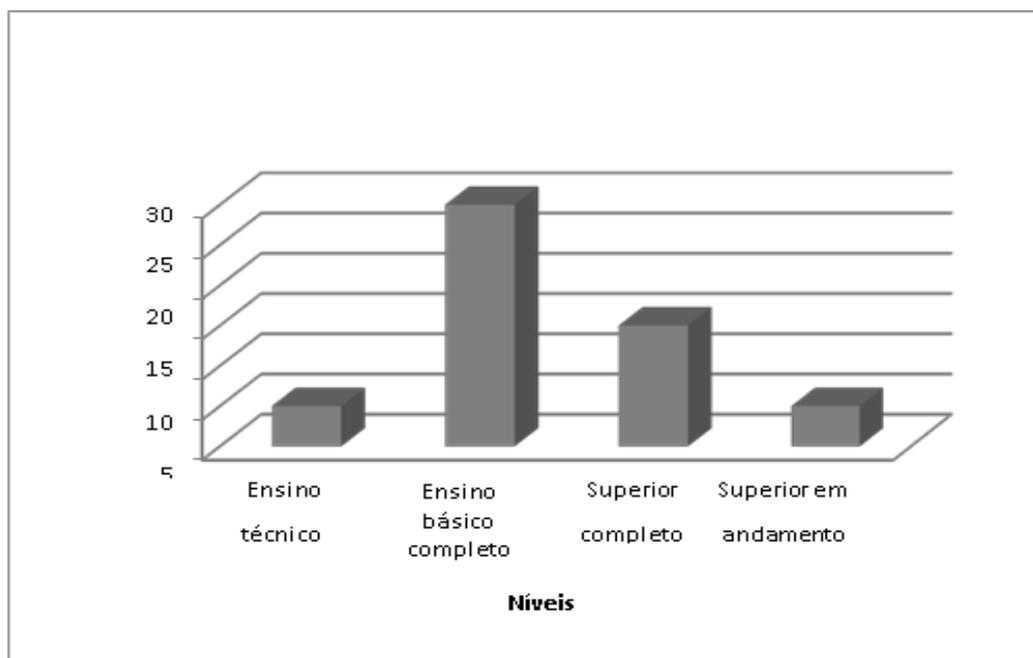


Figura 2. Nível de Escolaridade dos Associados

Fonte: Elaborado pelos próprios autores, com base na entrevista (2017).

Entretanto a maior dificuldade da associação está relacionada à gestão de pessoas, assim como é em todas as organizações lidar com personalidades, costumes divergentes é o maior desafio. A complicação apresentada neste contexto está voltada principalmente em virtude da ausência do comprometimento e da carência participativa mais efetiva dos produtores, acarretando assim aborrecimentos.

4.3 Feira da Agricultura Familiar

ANAIS

Uma parceria da Prefeitura de Taquaritinga, junto a APRAFT e outros produtores locais, formalizaram um ambiente no qual ocorre a comercialização das mercadorias, esse ambiente denominado Feira da Agricultura Familiar.

Todos esses autores contribuíram para o desenvolvimento da agricultura e por reflexos todos os elos ligados saíram beneficiados de alguma forma, seja financeiramente (produtores) ou por status sociais (administração pública). Segundo Jornal a Cidade (2017) a feira do produtor rural, acontece aos sábados e às terças-feiras, podendo ocorrer alterações, na Avenida Paulo Roberto Scandar no município de Taquaritinga/SP. O comercio no evento é sempre aglomerado como pode-se observar na figura-3.

9



Figura 3. Feira da Agricultura Familiar (2017)
Fonte: Feira da Agricultura Familiar - Publicaciones

A feira tem como objetivo reunir todos os produtores que almejam comercializar os produtos hortifrutigranjeiros, conservas, doces, produtos derivados do leite e da industrialização artesanal, artigos oriundos do artesanato, cultura e lazer e outros gêneros alimentícios (JORNAL A CIDADE, 2017).

Todos os produtores podem participar independente se é caracterizado com agricultor familiar ou associado a APRAFT, mas existe um requisito para acolher os produtores, que é o cadastramento do produtor junto a Secretaria Municipal de Administração.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que a agricultura familiar vem passando ao longo dos anos adversidades, com compras de insumos, comercialização, oscilações de preços e carência de políticas públicas destinada a categoria. Entretanto, a forma que os pequenos agricultores

ANAIS

encontram de reivindicar direitos e lutarem por ambiente mais justo, foi através de associação. Assim é possível diminuir o poder de barganha dos intermediários e ampliar o mercado de comercialização.

A APRAFT é bem estruturada, possui fortes redes de comercialização e diversificação de produtos, mas, existem alguns pontos a serem melhorados tais como, capacitação e treinamento dos membros através de participação de seminários, simpósios, congressos, palestras e cursos de curta duração. Essas alternativas de agregação de conhecimento fazem-se necessária devido ao baixo grau de escolaridade da maior parcela dos membros.

A feira da Agricultura Familiar no município de Taquaritinga, pode ser considerada uma estratégia da Associação em parceria com Prefeitura local. Olhando do ponto de vista dos associados e outros produtores locais, eles conseguem aumentar sua rentabilidade devido a possibilidade de agregação de valor dos produtos. Esse evento permite também o desenvolvimento da agricultura familiar e economia local.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e uso do solo. In: **São Paulo em Perspectiva**, v.11, n.02, p.73-78, abril/jun, 2007.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2 ed. Campinas: Hucitec, 1998.

ANDRADE, A. L. M. Indicadores de Sustentabilidade na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Piranha, Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazonica**.2007; 37(3): 401-412.

BESERRA, M. R. Associativismo Rural: **Estratégia de Participação para Consolidação da Agricultura Familiar na Associação Comunitária dos Pequenos Agricultores de Mirolândia em Picos Piauí**. 2011. 88 f. Dissertação (mestrado em serviços sócias)- Centro de Ciências Social Aplicada, Universidade Federal de Pernambuco, Recife

BUAINAIN, A. M.; ROMEIRO, A. R.; GUANZIROU, Carlos. Agricultura familiar e o novo mundo rural. In: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 5, n. 10, jul/dez de 2003, p.312-347.

DENARDI, R. A. Agricultura familiar e políticas públicas: alguns dilemas e desafios para o desenvolvimento rural sustentável. In: **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.2, n.3, jul./set. de 2001.

CALLOU, A. B. F.; SANTOS, M. S. Políticas públicas e associativismo agrícola no Nordeste do Brasil. **Revista uni Rcoop**, 6:33-47, 2008.

COÊLHO, J. D.; PINHEIRO, J. C. V. Grau de organização entre os feirantes e problemas por eles enfrentados nas feiras livres de Cascavel e de Ocara, no Ceará. In: CONGRESSO DE



ANAIS

ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL - SOBER, 47, 2009, Porto Alegre: **Anais...** Porto Alegre: SOBER, 2009.

COIMBRA, C. C. BERTACI, J.M. Estudo de Caso: Mapeamento da Produção de Goiaba até 100 km do Município de Taquaritinga SP. In: Simpósio Nacional de Tecnologia em Agronegócio, 9., 2017. Faculdade de Tecnologia de Botucatu. **Anais...** Botucatu, 2017.

COLLA, C.; STADUTO, J.A.R.S.; JÚNIOR, W.F. da R.; RINALDI, R. N. A Escolha da feira livre como canal de distribuição para produtos da Agricultura Familiar de Cascavel - PR. In: CONGRESSO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL - SOBER, 45, 2007, Londrina: **Anais...** Londrina: SOBER, 2007.

DAL SOGLIO, F. K. Desenvolvimento, agricultura e agroecologia: qual a ligação? In: GUERRA, Gutemberg A. D.; WAQUIL, Paulo D. (Org.). **Desenvolvimento rural sustentável no norte e sul do Brasil**. Belém: Paka-Tatu, 2013.

De Lannoy. **Tecnologia e os Grupos Agrícolas de Exploração Comum**. Porto Alegre, Editora da UFRGS. 101p. 1987.

GODOY, I.W.; ANJOS, F.S. dos. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.2, n.1, fev. 2007a.

GODOY, W.I.; ANJOS, F.S. dos. O perfil dos feirantes ecológicos de Pelotas-RS. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.2, n.1, fev. 2007b

GUANZIROLI, C.; CARDIM, S. E. (Coord.). Novo Retrato da Agricultura Familiar: O Brasil redescoberto. Brasília: Projeto de Cooperação Técnica FAO/INCRA, fev/2000. 74. Disponível em: <<https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/novoretratoID-3iTts4E7R59.pdf>>. Acesso em: 05 fev, 2018.

GUANZIROLI, C. E.; BUAINAIN, A. M.; DI SABBATO, A. Dez Anos de Evolução da Agricultura Familiar no Brasil: (1996 e 2006). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 50, n. 2, p. 351-370, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=355370&search=sao-paulo|taquaritinga>>. Acesso em 07 nov 2017.

JORNAL A CIDADE. Disponível em: <<http://jornalcidadesonline.com.br/site/2017/06/feira-do-produtor-rural-a-feira-da-roca-acontece-sabado-no-calcadao-da-praca-d-horacio-ramalho/>>. Acesso em 07 nov 2017.



ANAIS

LAMARCHE, H. (Coord.). **Agricultura familiar**: comparação internacional. Tradução de Ângela M. N. Campinas: Unicamp, 1993. v. 1. (Coleção Repertórios)

NUNES, S. P. O desenvolvimento da agricultura brasileira e mundial e a ideia de Desenvolvimento Rural. Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais (DESER). **Boletim Eletrônico**, nº 157, mar/2007. Disponível em: <<http://www.deser.org.br/documentos/doc/DesenvolvimentoRural.pdf>>. Acesso em: 09 fev, 2018.

MDA. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Disponível em <<http://www.mda.gov.br/sitemda/pagina/acompanhe-a%20C3%A7%C3%B5es-do-mda-e-incra>>. Acesso em: 09 nov 2017.

OLIVEIRA, A. U. **Agricultura camponesa no Brasil. São Paulo**: Contexto, 1996.

Pires, M. L. L. S.; Amorim, J. B. B.; Albuquerque, P. A. T. S.; Juste, Y.P.V. Cooperativismo, agricultura familiar e redes sociais na reconfiguração dos espaços rurais. In: **XIV Congresso Brasileiro de Sociologia**: Consensos e Controvérsias, Rio de Janeiro. Anais, UFRJ. p.01-23, 2009.

PINHO; Paulo. O Associativismo: conceitos, princípios e tipologias. Disponível <<http://adcbbrasil.blogspot.com.br/2009/09/associativismo-conceitosprincípios.html>>. Acesso em: 07 nov, 2017.

RIBEIRO, E. M.; CASTRO, B. S. de; SILVESTRE, L. H.; CALIXTO, J. S.; ARAÚJO, D. P.; GALIZONI, F. M.; AYRES, E. B. Programa de apoio às feiras e à agricultura familiar no Jequitinhonha mineiro. **Agriculturas**, v. 2, n. 2, jun. 2005.

SANTOS. M, S.; FERREIRA, D. J.; LEAL SANTOS. A feira livre como alternativa de geração de renda para agricultura familiar no município de santo estevão- BA. In: **VI Congresso Iberoamericano de Estudos Territoriales y Ambientales**. 2014

SATO, L. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, p. 95-102, 2007. Edição Especial.

SILVEIRA P. R.; NEUMANN P. S.; VELLA H. A. G.; LAGO A.; OLIVEIRA A. E.; PELIGRINI G. A diversidade do associativismo na região do Corede-Centro/RS e sua importância para o desenvolvimento regional. In: VII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, Foz do Iguaçu. **Anais...** UFSM. p.01-09, 1999.

SINDICATO RURAL DE TAQUARITINGA. Disponível em: <<http://www.srtaq.com.br/Munic/dadosmunic.htm>>. Acesso em: 07 nov 2017.



ANAIS

VEIGA, J. E.; FAVARETO, A.; AZEVEDO, C.M.A.; BITTENCOURT, G.; VECCHIATTI, K.; MAGALHÃES, R.; JORGE, R. O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento, Brasília: Convênio FIPE-IICA(MDA/CNDRS/NEAD), 2001. 108 páginas disponíveis em: <http://www.cairu.br/biblioteca/arquivos/Agronegocios/Brasil_rural_precisa_estrategia_desenvolvimento_1.pdf>. Acesso em: 05 fev, 2018.

WANDERLEY, M.N.B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, J. C. (org). **Agricultura familiar**: realidades e perspectivas. 2 ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999